

# ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE, CLASSES VERBAIS E QUANTIFICAÇÃO

## *Adverbs of Quantity, Verbal Classes and Quantification*

Márcio Renato Guimarães\*

A ideia de que fenômenos de quantificação não estão restritos, nas línguas naturais, ao domínio do SN – e, por consequência, ao domínio da quantificação sobre os indivíduos “clássicos” (os “objetos” fregeanos no universo do discurso) tem se imposto cada vez mais no campo da linguística formal. A literatura tem identificado um grande número de expressões que expressam a quantificação sobre eventos – os quantificadores A (*A-quantifiers*), de Partee (1995), em que o A vem de *adverbial*, em oposição aos quantificadores D (*D-quantifiers*), em que o D vem de *determinante* e que correspondem aos quantificadores mais clássicos da literatura.

Dentre as expressões candidatas a quantificadores A podemos distinguir dois conjuntos básicos. O primeiro é representado pelos advérbios aspectualizadores (=de frequência aspectual, ou aspectuais de frequência) – como *sempre* ou *semanalmente* – que denotam a frequência com que determinado evento se repete:

- (1) Eu tenho um da Prolink 256Mb, estou muito satisfeito, uso direto na facul pra salvar arquivos e **sempre viajo** ouvindo músicas<sup>1</sup>.  
<[www.guiadohardware.net/comunidade/mp3-pendrive/210058/](http://www.guiadohardware.net/comunidade/mp3-pendrive/210058/)>.

\* UFPR/DLLCV.

<sup>1</sup> Embora não seja a praxe em trabalhos de semântica formal utilizar dados de corpus, eu preferi fazê-lo aqui para trabalhar sobre ocorrências mais realistas e menos forçadas. Encaro a opção de utilizar dados abstraídos de contexto (dados de “falante ideal”) como uma possibilidade, uma opção, nunca como uma obrigação da teoria. Não procedi nenhuma correção nos dados, reproduzindo-os com todos os eventuais “erros” de ortografia e “gramática”.

- (2) **Viajo semanalmente** (todas as sexta ou sabado) para Montes Claros e volto no domingo, ofereço carona com alguma contribuiçao.  
<[www2.uol.com.br/oviajante/carmot.htm](http://www2.uol.com.br/oviajante/carmot.htm)>.

Um segundo grupo é representado pelos advérbios de quantidade<sup>2</sup>, como *mais*, *menos*, *muito*, *pouco* etc., que constituem o objeto deste artigo. A diferença mais básica entre os dois grupos é a de que os advérbios aspectualizadores são, essencialmente, operadores sentenciais – modificadores de tipo [S/S], enquanto os advérbios de quantidade são modificadores de constituinte. A segunda não menos básica (porém talvez mais essencial) diferença reside no fato de que esses quantificadores parecem ter a prerrogativa de quantificar outras coisas além dos eventos, interior da estrutura semântica das sentenças em que figuram.

Em Guimarães (2007) o conjunto das expressões que costumam ser classificados como advérbios de quantidade é dividido em duas classes: os comparativos, como *mais*, *menos* e *tanto* (cf. 3-5), e os de julgamento de valor, como *muito*, *pouco*, *demais*, *bastante* (cf.6-9), entre outros<sup>3</sup>.

- (3) Cara, ninguém **trabalhou mais** a evolução e a clareza das sequências dos golpes como esse cara.  
<<http://www.forum.portaldovt.com.br/forum/lofiversion/index.php/t48591.html>>.
- (4) E ainda que tenha sido o nono estado do Brasil que mais diminuiu a mortalidade infantil nos últimos 20 anos, o Piauí **trabalhou menos** que outros estados do Nordeste.  
<<http://nopi.com.br/nopi/piaui/piaui-mantem-menor-taxa-de-mortalidade-infantil-da-regiao-nordeste-diz-ibge.html>>.
- (5) Para dona Josefa Vieira, moradora da Coroa do Meio há mais de 30 anos, nenhum dos prefeitos anteriores de Aracaju **trabalhou tanto quanto** Marcelo Déda.  
<<http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=21121>>.
- (6) Ele foi um homem que **trabalhou muito** e com certeza contribuiu muito para a literatura em Goiás.  
<[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_323.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_323.html)>.

<sup>2</sup> Ilari *et al.* (1993), propõem o termo *intensificador* para esses advérbios. Em Guimarães (2007) propõe-se o retorno à denominação, muito mais antiga e muito mais transparente, de *advérbios de quantidade* – ou, muito mais simplesmente, de *quantificadores*, acentuando-se o fato de que essas mesmas expressões funcionam como quantificadores em outras instâncias de modificação, inclusive no âmbito do SN.

<sup>3</sup> Para uma lista mais completa, cf. Guimarães (2007, p. 35-69).

- (7) Porém, o treinador **trabalhou pouco** neste seu retorno ao clube, pois divergências entre o treinador e o presidente Natalino Xavier teria culminado com a demissão de toda comissão-técnica durante as primeiras rodada do torneio.  
<[http://www.folhadoacre.com/navegacao/ver\\_noticia.php?id\\_noticia=386&editoria=14](http://www.folhadoacre.com/navegacao/ver_noticia.php?id_noticia=386&editoria=14)>.
- (8) O nervosismo, a ansiedade e a correria do dia-a-dia nos conduzem a hábitos autodestrutivos: comemos demais, **trabalhamos demais**, preocupamo-nos demais, cansamo-nos demais.  
<[http://www.submarino.com.br/books\\_productdetails.asp?Query=&ProdTypeId=1&CatId=13891&PrevCatId=11682&ProdId=296842&ST=BL13891&OperId=0&CellType=2](http://www.submarino.com.br/books_productdetails.asp?Query=&ProdTypeId=1&CatId=13891&PrevCatId=11682&ProdId=296842&ST=BL13891&OperId=0&CellType=2)>.
- (9) O rapaz **trabalha bastante**... eu li uma reportagem do Max Michell também e ele também **trabalha bastante**, também virou um revendedor dos produtos que ele usa e acha bom, no mesmo ritmo do Eric, são pessoas que tem que saber administrar o tempo senão não conseguem fazer tudo o que tem para fazer.  
<<http://www.tirodinamico.com.br/forums/index.php?act=ST&f=34&st=0&t=1244>>.

A principal distinção entre esses dois grupos de advérbios de quantidade é que os comparativos – mas não os de julgamento de valor – introduzem um dos termos em estruturas de comparação (o segundo termo sendo introduzido por operadores como *(do) que...* ou *quanto/como...*). Essa diferença, no entanto, torna-se semelhança, do ponto de vista de que a operação de julgamento de valor costuma ser descrita na bibliografia (cf., a esse respeito, GUIMARÃES, 2008) como uma espécie de comparação entre dois valores – o valor que se refere ao termo que contém a expressão de julgamento de valor em questão e um valor de referência contextualmente definido: assim, quando se diz, por exemplo, que alguém trabalhou muito, está se dizendo que esse alguém trabalhou com uma determinada intensidade que é maior que um valor de referência dado contextualmente (e que é igual àquilo que era a expectativa etc.).

Em Guimarães (2007), argumenta-se que *muito* e *pouco* são as expressões prototípicas dos modificadores de julgamento de valor, e que outras expressões semelhantes (*bastante*, *demaís*, *demasiado*, *assaz*, advérbios em *-mente* derivados de adjetivos de medida, como *grandemente*, *intensamente*, *largamente* etc. – e a maior parte das expressões compostas, como *pra burro*, *a dar com um pau* etc.) são ou sinônimas, ou representam nuances especiais dessas expressões prototípicas – sobretudo de *muito*.

Uma característica essencial dos advérbios de quantidade – frente aos advérbios aspectuais – é que os verbos não são o único tipo de expressão

que pode aparecer em seu escopo de modificação, mas eles também podem modificar núcleos nominais (10), adjetivos (11) e até outros advérbios:

- (10) Em Ipanema, na mesma hora de ontem, **[poucas [lojas]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** apresentavam movimento digno de quatro dias do Natal, e os comerciantes fogem dos detalhes quando o assunto é expectativa de faturamento nesta época.  
<<http://jbonline.terra.com.br/editorias/economia/papel/2006/12/21/economia20061221002.html>>.
- (11) Pais sobrecarregados pelo trabalho, extremamente preocupados em garantir o sustento em tempos difíceis parecem hoje estabelecer um contato **[pouco [tranquilo]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** com seus filhos.  
<[http://www.puc-rio.br/editorapucricio/docs/texto\\_beatriz\\_gang\\_palestra.rtf](http://www.puc-rio.br/editorapucricio/docs/texto_beatriz_gang_palestra.rtf)>.
- (12) Tanto não está sendo cumprida – o que causa indignação no povo sul-mato-grossense – que já está até em andamento, no Ibama, o licenciamento para a construção, por uma empresa norte-americana, em território boliviano, de uma termelétrica, e para a construção de 18 quilômetros de uma linha de transmissão em território sul-mato-grossense, **[mais [precisamente]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>** em Corumbá.  
<<http://www.senado.gov.br/web/senador/JFonseca/aprm.htm>>.

Além desses contextos, Ilari (1993) apresenta ocorrências como (14), em que os quantificadores (lá chamados de “intensificadores”) não podem ser interpretados como modificadores em construções endocêntricas, mas tem antes um status argumental – em outras palavras, desempenham função de SN nos SV em que figuram. É o que ocorre com *mais*, no exemplo 13, abaixo – e também com a expressão *igual* (exemplo de ILARI *et al.*, 1993, p. 73):

- (13) Em casa o café é muito demorado, muito complicado, quer dizer, então, até eles comerem todas as coisas que fazem parte do café eles demoram; um briga com o outro, a divisão tem que ser absolutamente exata, porque se um tiver **mais** do que o outro sai um monte de briga; na realidade não acabam tomando tudo não, comendo tudo que têm. Mas precisa ter **igual**. Basta ser **igual**.

O *igual*, em usos como o de (13), acima, pode ser interpretado como uma espécie de instância média entre *mais* e *menos*, sobretudo neste contexto específico de ocorrência. Observe-se que, nesses contextos de ocorrência, os quantificadores podem também aparecer como complemento de verbos cópula, como ocorre em (14):

- (14) Na soma das cargas horárias é muito comum que se trabalhe algo por volta de 60 horas semanais – o que [é [muito]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>, se forem feitas contas simples...) e o valor de tais plantões tende a ser mais constante variando entre R\$250 a R\$600 por 12 horas em salas de emergências a algo entre R\$350 a R\$800 em UTIs.  
<<http://www.fm.usp.br/pdf/Medicina%20Urgencia.pdf>>.

Chamo os complementos de verbo cópula em questão de “complementos do predicado”, adotando a terminologia de Perini (1998, p. 81-84), que eu acho que captura o dado importante de que esse tipo de complemento difere numa série de características dos complementos tipo objeto direto (que caracterizei unicamente como SN) de verbos transitivos. Intensificadores equivalem, no contexto VII, a SNS, e SNs podem ocupar a posição de CP. Porém, essa não é uma posição privativa dos SNs. Outras expressões podem ocupar a posição de CP (“advérbios de lugar”, cf. *Curitiba é aqui, Curitiba é no leste do Paraná*), e os intensificadores podem receber outros valores sintáticos. Além disso, nessa posição, os SNs têm uma função “atributiva”, não conservando as mesmas propriedades referenciais que conservam em posição de sujeito ou objeto direto, por exemplo.

O centro de interesse deste trabalho é a sistematização das ocorrências de advérbios de quantidade em SVs – sobretudo, mas não apenas, os de julgamento de valor. A questão básica que se coloca aqui é a de determinar de que tipo de coisa, de que tipo de objeto no Universo do Discurso, são as “quantidades” expressas por esses advérbios. Em alguns contextos sintáticos específicos, como se verá, eles expressam quantidades de eventos, parecendo agir sobre o mesmo tipo de objeto – mas não denotando o mesmo tipo de operação – dos advérbios de frequência, algo que já foi descrito na literatura (de SWART, 1993; DOETJES, 2007). O quadro geral, porém, é muito mais complexo do que advérbios de quantidade denotando quantidades de evento, e este artigo pretende esboçar esse quadro geral, como subsídio para futuras análises que forneçam uma análise formalizada unificada dessas expressões, o que, no entanto, transcende em muito as limitações de um trabalho destas dimensões.

## ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE E TIPOS DE QUANTIFICAÇÃO

Em ocorrências com função puramente adverbial (isto é, que não pode ser interpretada como argumental), o quantificador pode operar sobre objetos diferentes na denotação das sentenças. Assim, em uma sentença como (15):

(15) Ele **trabalhou muito** nesta máquina.

*muito* pode denotar quantidades de coisas diferentes, dependendo do contexto. Mais frequentemente, *muito* pode representar uma quantificação sobre eventos ou sobre intervalos de tempo. Em cada uma dessas leituras, pode-se pensar na equivalência de *muito* com expressões adverbiais quantificadoras em que a seleção de uma ou outra dessas leituras está desambiguizadamente selecionada – nomeadamente, expressões como (*durante*) *muito tempo* ou *muitas vezes/ocasiões*:

(16) Ele **trabalhou muito tempo** nesta máquina.

(17) Ele **trabalhou muitas vezes** nesta máquina.

Apresento, a seguir, alguns exemplos concretos de uso dos quantificadores em que essas diferentes possibilidades de denotação são exploradas:

(18) Polícia **trabalhou muito** nesse final de semana. Confira!

Fazendo um apanhado da segurança do fim de semana, o delegado Hilton Brito, disse que esse foi um final de semana com **muitas ocorrências** nos distritos policiais.

<<http://180graus.brasilportais.com.br/piripiri/policia-trabalhou-muito-nesse-final-de-semana-confira-1030.html>>.

(19) Se a análise for séria, não se pode dizer que o Congresso Nacional não trabalha. Pelo contrário, **trabalha muito**, vota mais ainda. [...] Pelos números, pode-se constatar que Câmara e Senado, nesta primeira sessão legislativa que se encerrou no dia 20 de dezembro, sempre tiveram agenda cheia. A Câmara, por exemplo, aprovou 682 proposições.

<<http://www.riachaonet.com.br/materia.php?id=7051>>.

(20) Ralamos muito, minha esposa sem nunca ter trabalhado depois de casada, **trabalhou muito** em limpeza junto comigo, sendo que no início ela **trabalhou muito** a noite, no Centro de Convenções de Orlando, o que me deixava muito abatido com aquela situação.

<<http://www.imigrar.com/suahistoria22.shtml>>.

Dos exemplos acima, os dois primeiros remetem predominantemente àquilo que podemos chamar de quantificação sobre eventos – o termo *muitas ocorrências* em (18), bem como a especificação de *682 proposições*, em (19), remetem à quantificação sobre eventos. Já em (20), embora a quantificação sobre eventos possa também ser predicada, parece que a leitura mais privilegiada é a de *muito* como significando *muito tempo*, com

a quantificação agindo sobre o intervalo de tempo. Aliás, essa leitura também pode ser pensada para os dois exemplos anteriores, uma vez que uma quantidade grande de eventos ocupa uma quantidade grande de tempo. No entanto, muito embora *muito* possa ser substituído por *muito tempo* em (20), essa substituição nos dois exemplos anteriores não preservaria o significado pretendido nas duas ocorrências. Por outro lado, a substituição de *muito* por *muitas vezes* em (20) parece distanciá-la da leitura original pretendida:

(20') Ralamos muito, minha esposa sem nunca ter trabalhado depois de casada, **trabalhou muitas vezes** em limpeza junto comigo, sendo que no início ela **trabalhou muitas vezes** à noite, no Centro de Convenções de Orlando, o que me deixava muito abatido com aquela situação.

Uma terceira leitura possível com verbos modificados por quantificadores é exemplificada por (21):

(21) Sabíamos que o DAN HENDERSON é um lutador forte e que tem uma direita muito potente, MINOTOURO (sic) **trabalhou muito** para neutralizar está (sic) direita.  
<[http://www.minotauro.net/index\\_ler.php?id=283&tabela=noticias](http://www.minotauro.net/index_ler.php?id=283&tabela=noticias)>.

Em (21), nem a substituição por *muitas vezes*, nem por *muito tempo* iriam expressar o tipo de noção que está sendo denotada. Por outro lado, a substituição por *intensamente* ou *muito intensamente* ou *com muita intensidade* estaria mais próxima do que se quis dizer:

(21') Sabíamos que o DAN HENDERSON é um lutador forte e que tem uma direita muito potente, MINOTOURO **trabalhou [muito] intensamente** para neutralizar essa direita.

Esse tipo de operação dos quantificadores – normalmente chamada de intensificação – tem sido observada em uns poucos lugares da literatura (p. ex., em DOETJES, 2007, p. 709), e não se refere propriamente a quantidade de eventos ou o tamanho do intervalo de tempo (ou ao tamanho da soma dos intervalos de tempo), mas a essa noção que tem sido chamada de intensidade (que vamos discutir com mais vagar na seção adiante).

Um quarto tipo de operação pode ser observada em alguns exemplos, como em (22) – extraído do *corpus* do VARSUL:

(22) não, eu quase não ia porque eu não **jogava muito**, então, tinha, vamos supor, nós tínhamos nosso timinho [de]- de piizada, né? (PRCTB01/SLIN:0913)

Claramente não se trata de quantificação sobre eventos ou sobre tempo. A própria posição do predicado *não jogava muito* depois do *porque* é bastante eloquente: não se trata de *eu não jogava muito porque quase não ia*, que favorecia uma leitura eventual/temporal, mas o contrário. O fato de o falante não jogar muito é que era a causa de ele quase não ir jogar. E *jogar muito* significa algo como “aquilo que eu fazia não podia ser [muito] dito como *jogar*”. É possível ver esse tipo de quantificação *de dicto* em pelo menos um dos exemplos dos que Mendes de Souza (2007, p. 185) classifica de comparação “metalinguística”:

(23) João **mais viaja** do que leciona.

(24) O soprano **mais falou** do que cantou (durante a apresentação da ópera).

Em (24), é possível ter-se uma leitura do tipo “aquilo que a soprano fez pode ser dito mais como *falar* do que como *cantar*”, mas não me parece acontecer o mesmo com (23), que parece pressupor algo como “João está envolvido mais em eventos do tipo *viajar* do que *lecionar*”. Ao mesmo tempo, essa mesma leitura também é possível para (24) – “a soprano passou mais tempo falando do que cantando”. Talvez a semelhança entre os eventos do tipo *falar* e *cantar* mais do que entre *viajar* e *lecionar* permitam a existência da comparação *de dicto*.

A escolha de verbos como *trabalhar* e *jogar*, que predominam nos exemplos acima, não foi fortuita. Esses verbos de “atividade” pertencem a uma grande – provavelmente aberta – classe de verbos que admitem todas essas leituras. Isso, porém, não é verdade para a totalidade dos verbos. Por exemplo, *gostar*, parece admitir apenas modificações do tipo intensificação, que é a única leitura possível em (25):

(25) “Achei um filme emocionante. **Gostei mais** do filme do que do livro.”

<<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/adoraveis-mulheres/adoraveis-mulheres.asp>>.

Em (25), *mais* não expressa uma relação entre números de eventos, nem uma relação entre a duração de intervalos de tempo, mas antes parece incidir sobre a “intensidade” com que a predicação *gostei* se refere ao sujeito nas duas situações de comparação. Isso torna as paráfrases em (25') e (25'') inaceitáveis para (25):

(25') Achei um filme emocionante. **Gostei mais vezes** do filme do que do livro.

(25'') Achei um filme emocionante. **Gostei mais tempo** do filme do que do livro.



Em linhas gerais, pode-se dividir os verbos, com relação à leitura que apresentam quando modificados por advérbios de quantidade, em duas grandes classes: aqueles que apresentam apenas um tipo de leitura, e em que a leitura parece ser selecionada por aspectos semânticos internos ao verbo em questão, e aqueles que podem apresentar mais de um tipo de leitura. No primeiro caso, é possível reconhecer uma ligação direta entre a (sub)classe semântica a que pertence o verbo em questão e o tipo de leitura que ele seleciona. No segundo caso, é bem possível que estejamos diante de uma classe de verbos que admita mais de uma leitura. Na sequência, divido os verbos em classes conforme o tipo de leitura que selecionam conforme o tipo de coisa a que se refere o valor que é comparado.

## 1) VERBOS ESTATIVOS

Conforme se viu acima, em verbos estativos, como *gostar*, os advérbios de quantidade parecem modificar o grau de predicação com que o verbo se refere ao sujeito. Em Guimarães (2007, p. 101-2) divide-se os verbos estativos em três categorias – e nos três casos a operação sobre o grau de predicação parece se manter:

a) **verbos de experiencição**, como *gostar*, em (16), ou *aspirar*, *querer*, *amar*, *detestar*, *odiar* etc. em que o verbo denota a experimentação de algum tipo de reação no sujeito com relação ao objeto – em geral algum tipo de “sentimento” ou “estado de espírito”:

(26) Estes fizeram uma proposta que ficaria conhecida como Acordo Complementar, que, apesar de algumas melhorias – como a redução da área a ser explorada –, não oferecia algo a que os iranianos **muito aspiravam**: treinamento para cargos mais elevados nas companhias e abertura dos livros da empresa para auditores iranianos.

<[www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782005000100018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782005000100018&script=sci_arttext)>.

(27) Eu o **amo demais** e acho que ele não me ama na mesma proporção.

<<http://www.vaidarcerto.com.br/consultorio2.php?dcodigo=6208>>.

(28) Barcelona **quer muito** o título, afirma Alex.

<<http://multimedia.terra.com.br/esportes/esportestv/interna/0,,OI85127-EI8028,00.html>>.

b) **verbos de relação**, que parecem indicar uma espécie de conexão ou correspondência entre o sujeito e objeto, em geral não denotando a experimentação, por parte do sujeito, de qualquer sentimento ou estado de espírito:

- (29) Este item **relaciona-se muito** a cargos de propaganda, secretariado executivo, e assistência.  
<[http://estrelaguia.virgula.terra.com.br/loja/exemplos/exemplo\\_prod18.html](http://estrelaguia.virgula.terra.com.br/loja/exemplos/exemplo_prod18.html)>.
- (30) Vê-se que as qualidades em receber, oferecer e partilhar os alimentos **consiste muito mais** em qualidades de esmero, cuidado, do que no luxo das iguarias.  
<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/4641/3799>>.
- (31) Fabricação **implica menos** a criação e mais a construção, elaboração de um bem.  
<<http://geein.fclar.unesp.br/producao2/teses/arquivos/221106Disserta%C3%A7%C3%A3o-Carolina%20Andrade.pdf>>.

c) **verbos “qualitativos”**, que encerram uma espécie de qualificação do sujeito em sua denotação, também em geral sem implicar a experimentação de algum sentimento ou estado de espírito:

- (32) Partidos tradicionalistas, sobretudo os de corte religioso, não **contariam muito**, pois não incorporam muitas mulheres e não dão relevância a essa questão.  
<[www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782005000100013&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782005000100013&script=sci_arttext&tlng=pt)>.
- (33) Parece que para todos os góticos entrevistados, o visual **importa bastante**, mas ao contrário do que a maioria das pessoas costumam pensar, ele é apenas uma maneira de exteriorizar o que esse pessoal tem dentro de si.  
<<http://www.por.com.br/?page=noticias&noticia=336&caderno=1>>.
- (34) O que **importa mais**: a cor ou o modelo?  
[...]  
Fui perguntar a alguns homens, amigos meus, e todos falaram que o que mais atrai é o caimento da roupa no corpo da mulher e a sensualidade da própria mulher. A cor da roupa não chama muita atenção, pelo visto.  
<<http://www.modamercatto.com.br/blog/?p=182>>.
- (34) Santiago **vale mais** que um “pit stop” rumo às estações de esqui.  
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u5150.shtml>>.

Algumas características semânticas e sintáticas marcam a distinção entre essas subclasses. Verbos de experiencição exigem sujeitos animados – que são os únicos capazes de experienciar as sensações que eles denotam e que podem ser entendidos como experienciadores. A utilização deles com sujeitos não animados produz resultados bastante estranhos:

(35) ?A parede **gostou muito** da tinta azul que eu escolhi para ela.

(35) ou implica que se considera a parede um indivíduo animado, ou pode ser entendido como que a tinta azul caiu bem na parede, caso em que se pode falar em algum tipo de conversão de um verbo de experiencição em um verbo qualitativo – e assim, uma perífrase com *combinar* ou *ficar bem* expressaria esse significado:

(36) A tinta azul que eu escolhi para a parede **ficou muito bem** nela.

As outras duas classes têm seleções diferentes para os termos que podem funcionar como seus sujeitos. Os verbos de relação parecem implicar, por outro lado, sujeitos não animados – os sentidos de *relacionar-se* e *implicar* que selecionam sujeitos animados não são os mesmos referidos acima, não podem ser caracterizados como verbos estativos e, inclusive, são diferentes as grades de papel temático associados a eles:

(37) mandado de prisão pra voce tambem haruhi. prendemos o sr. semnoçao e ele **implicou** voce, tofudido e mateus, na distribuição de um filme pirata de hunter x hunter que circula em hong kong, nigeria e angola. crime praticado; formação de quadrilha e violação de direitos autorais em escala internacional. pena; 15anos de cana. <<http://www.jbox.com.br/2008/07/27/trailer-de-resident-evil-degeneration/>>.

(38) **Ele relacionou-se com** a batalhadora Antônia (Tássia Camargo), sua esposa oficial. <[http://marcosrivelles.zip.net/arch2008-09-28\\_2008-10-04.html](http://marcosrivelles.zip.net/arch2008-09-28_2008-10-04.html)>.

Já os verbos qualitativos não apresentam nenhuma dessas restrições com relação a seus sujetos. Além disso, distinguem-se dos verbos de relação por serem intransitivos. Como apresentam algum tipo de relação entre dois termos, os verbos de relação implicam sempre a expressão desses dois termos, caso contrário a sentença estará completa ou será agramatical:

(39) \*A refeição de ontem à noite **consistiu muito**.

O verbo *implicar* – e talvez outros ainda – possui um tipo de construção que apresenta uma leitura não estativa, em que ele não representa um tipo de relação entre dois termos, mas um determinado tipo de comportamento. Nessas construções, em geral, o verbo pede – ou supõe – sempre um complemento introduzido pela preposição *com*:

(40) “Minha mãe **implicava muito** porque eu só ficava em casa na Internet (...)”

<<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=592288>>.

(41) O jornal “Agora” desta terça-feira (10) publicou uma nota afirmando que Eliana e Eduardo Guedes estavam enfrentando uma crise no casamento.

Ainda de acordo com o veículo, a apresentadora **implicava muito** com o marido e os dois mal conversaram durante o casamento de Ana Maria Braga, realizado dia 31 de março.

<[http://lilicamichaelichen.zip.net/arch2007-04-08\\_2007-04-14.html](http://lilicamichaelichen.zip.net/arch2007-04-08_2007-04-14.html)>.

Como denota mais um tipo de comportamento, também esse tipo de verbo exige como sujeito SNs que denotem seres animados, com construções com SNs denotando seres não animados apresentando as mesmas estranhezas que com os verbos de experiencição:

(42) ?As paredes **implicavam muito** comigo.

Sobre (42), pode-se dizer que é atribuição da linguagem referir-se a tudo o que os sujeitos que a usam têm necessidade de se referir, mesmo nos casos mais patológicos – e que a estranheza se deve mais à dificuldade de sua interpretação em contextos mais usuais do que à existência de restrições de sentido invioláveis.

De qualquer forma, em todos os casos relacionados acima, parece que *implicar* comporta tanto uma leitura de grau como uma leitura eventiva. Assim, assumindo-se a equivalência proposta pelo *Dicionário Houaiss* (HOUAISS, 2001, p. 1582) para essa leitura com a de demonstração de antipatia ou irritação com algo ou alguém, a primeira leitura implicaria que muito se referiria ao grau (ou o tamanho) da antipatia ou irritação, enquanto que a segunda implicaria que foram muitas as vezes em que a antipatia ou irritação foi demonstrada. Ainda pode-se pensar numa terceira leitura, esta temporal – ou seja, a antipatia ou irritação foi demonstrada durante muito tempo.

É possível que se encontrem ainda outros exemplos de verbos que figuram como estativos que apresentam acepções diferentes, em que não podem ser classificados como estativos – *importar* no sentido de “comprar de fora do país” é o exemplo mais conspícuo, mas talvez não o único. Nesses casos,

não é só a acepção que muda, mas também as exigências dos verbos com relação a complementos de diferentes tipos e/ou a atribuição de papéis aos seus complementos, de maneira que se pode atribuir a essas diferentes acepções a correspondência dos verbos a itens lexicais diferentes num léxico formalizado.

A modificação “de grau” expressa pelos advérbios de quantidade quando ocorrem com verbos estativos pode ser relacionada com aquela expressa por esses mesmos advérbios na modificação de adjetivos, onde a noção de grau tem sido referida na literatura há algum tempo, sobretudo no que diz respeito à análise de estruturas comparativas com adjetivos. Assim, numa análise clássica utilizando a noção de grau, uma estrutura comparativa com adjetivo, como (43), teria sua forma lógica como em (44):

(43) Maria é **mais bonita** do que Regina.

(44)  $d B(m) \succ d B(r)$

(44) poderia ser descrito como “o grau em que Maria é bonita é maior do que o grau em que Regina é bonita”. Uma tal formulação poderia ser adaptada para os verbos estativos, de forma que as formas lógicas de (45) a (47) poderiam ser vistas em (48) a (50):

(45) Pedro **gosta mais** de Maria do que de Regina.

(46) A fabricação **implica mais** a criação do que a construção.

(47) A cor do vestido **importa mais** do que o modelo do vestido, para os homens.

(48)  $d G(p, m) \succ d G(p, r)$

(49)  $d I(f, cr) \succ d I(f, co)$

(50)  $d I(c) \succ d I(m)$

Nas formas lógicas em (48) a (50) expressa-se o grau com que as predicções denotadas pelos verbos *gostar*, *implicar* e *valer* são afirmadas de cada argumento. Assim, em (48), afirma-se com que o grau que Pedro gosta de Maria é maior do que o grau com que Pedro gosta de Regina. Em (49), afirma-se que o grau com que a fabricação relaciona-se de certa maneira (= “implica”) com a criação é maior do que o grau com que a fabricação relaciona-se de certa maneira (= “implica”) à construção. E, finalmente, em (50), afirma-se que o grau de importância da cor de um vestido, para os homens, é maior do que o modelo do vestido.

A questão que resta é determinar se – e em que medida – o grau dos adjetivos e o grau dos verbos estativos é da mesma natureza. Isso implica determinar de que natureza é o grau dos verbos estativos.

Uma noção de predicatividade pode ser a chave para o entendimento dessa noção de grau. Adjetivos e predicados contendo verbos estativos podem ser entendidos como expressões predicativas no sentido mais clássico (= fregeano), com a predicção sendo definida como o pertencimento a um conjunto construído intensionalmente – ou, em outros termos, construído com entidades que compartilham uma mesma propriedade.

Em Guimarães (2003), opõe-se essa noção de predicatividade a uma noção de eventividade para dar conta da denotação de SVs. SVs deveriam ser interpretados como comportando dois tipos de leituras – uma eventiva e outra predicativa – para dar conta de duas leituras diferentes que verbos em construções progressivas podem assumir: uma leitura eventiva e outra disposicional. A discussão em questão era que verbos em algumas formas temporais (no presente do indicativo, por exemplo), mesmo com verbos de evento, não predicavam necessariamente o envolvimento do sujeito em eventos, mas antes uma espécie do que chamei de *disposição* – uma predicção, ou seja, antes o pertencimento a um determinado conjunto. Já as formas progressivas correspondentes podem expressar (ainda que não necessariamente o expressem) o envolvimento do sujeito em eventos:

(51) Cassilda come verduras.

(52) Cassilda está comendo verduras.

(51) não predica necessariamente o envolvimento do sujeito *Cassilda* em um evento, antes expressa uma sua disposição. (52), pelo contrário, pode ter uma leitura de que o sujeito *Cassilda* está envolvida num evento do tipo *comer verduras* agora, neste momento – embora possa ter também uma leitura disposicional nuançada, algo como *Cassilda, ultimamente, tem comido verduras*.

Verbos estativos, em contraste com verbos eventivos, comportariam apenas leituras predicativas, e nunca denotariam o envolvimento de seus sujeitos em determinados tipos de eventos. Nesse sentido, teriam as mesmas propriedades dos adjetivos, e advérbios de quantidade, quando aplicados aos dois grupos, expressariam o grau com que se pode afirmar o pertencimento a determinado conjunto de um determinado sujeito. O pertencimento a um conjunto não poderia ser entendido como uma relação discreta – do tipo *ou pertence ou não pertence*, mas como uma relação gradual, comportando uma série de estágios intermediários entre um grau zero de pertencimento (= não pertence) e um grau pleno de pertencimento (= pertence totalmente, 100%). Assim, as leituras disposicionais de SVs contendo verbos eventivos se aproximariam, em algumas de suas propriedades, dos verbos estativos – e isso tem sido observado na literatura sobre aspecto, quando algumas construções com verbos eventivos (por exemplo, em sentenças “habituais”) são descritas como estativas (cf. GODÓI, 1992 e 1993).

Guimarães (2007, p. 103) propôs um tipo de equivalência entre SVs verbos estativos e predicados nominais comportando adjetivos como uma evidência da equivalência entre uma e outra classe. Assim, verbos estativos como *gostar*, em (27), *consistir*, em (30), e *importar*, em (33) equivaleriam aos predicados nominais do tipo CÓPULA + ADJETIVOS em (53), (54) e (55), respectivamente:

- (53) Eu sou **afeiçoada demais** a ele e acho que ele não me ama na mesma proporção.
- (54) As qualidades em receber, oferecer e partilhar os alimentos **é formada muito mais** por qualidades de esmero, cuidado, do que no luxo das iguarias.
- (55) Parece que para todos os góticos entrevistados, o visual **é bastante importante**.

Ocorre, porém, que é possível encontrar equivalências entre predicados contendo verbos de atividade, por exemplo, e certos adjetivos. As sentenças abaixo podem servir para ilustrar, por exemplo, a equivalência entre *comer* e *comilão*, *dormir* e *dorminhoco* e *trabalhar* e *trabalhador*:

- (56) João **come mais** do que Pedro.
- (57) João **dorme mais** do que Pedro.
- (58) João **trabalha mais** do que Pedro.
  
- (59) João **é mais comilão** do que Pedro.
- (60) João **é mais dorminhoco** do que Pedro.
- (61) João **é mais trabalhador** do que Pedro.

Esse efeito de equivalência entre certos adjetivos – pensados, aqui como expressões eminentemente predicativas – e certos verbos “de evento” já está implicado pelo fato, mencionado acima, de que certas construções com verbos “de evento” apresentam uma leitura disposicional – e, portanto, mais predicativa do que eventiva. Algumas implicações dessa equivalência serão discutidas mais adiante, na seção que trata dos verbos eventivos.

## 2) VERBOS COM DURAÇÃO TEMPORAL INTRÍNSECA

Alguns tipos de verbos selecionam – ou, ao menos, privilegiam fortemente – leituras em que os advérbios de quantidade figuram como

operadores sobre a duração de intervalos de tempo. Em primeiro lugar, estão aqueles verbos que indicam duração temporal, como *durar*, *demorar*, *levar* (em sua acepção durativa) etc.:

- (62) A reforma ministerial que o governo está parindo **demorou mais** para se concretizar do que os habituais nove meses de gestação.  
<<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=206517>>.
- (63) Ae amigo Pinta Não... Vai numa Cromeadora e pede os cara pra polirelespravc, que[m] ja poliuroda sabe como e, o aluminio vai ficar Brilhando ai vc manda um verniz so de leve que e para o brilho durar mais tempo. Fiz isso no meu e **durou bastante**  
<<http://comunidadetuning.com.br/forum/viewtopic.php?p=41640&sid=e6507fb2198f7625052e08e1c83f0f0f>>.
- (64) depois eles logo não me lembro que ano foi, mas acho que uns dois, três anos sanepar puxou água e depois **levou mais**, não sei, não me lembro agora quanto tempo, aí eles instalaram o esgoto, né?  
[PRCTB07: SLIN:0199]

Um segundo grupo é constituído por verbos que indicam estados ou situações representadas como necessariamente estendidos no tempo, como *dormir*, *viver*, *conviver*, *ficar*, *esperar* etc.

- (57) Mas **fiquei pouco** lá né... mudei na segunda e na quarta já estava aqui.  
<<http://www.luanamercurio.blogger.com.br/>>.
- (58) Quem não é jogador de futebol ou patinador famoso **espera muito** para ser reconhecido como bom para a França.  
<<http://diplo.uol.com.br/2002-06,a322>>.
- (59) **Convivi pouco** com meu pai, e o que assimilei deste entrecortado relacionamento foi a imagem de um homem autoritário, ausente e instável – tinha lá seus dias de maior carinho, daí ser instável.  
<[http://www.submarino.com.br/business/i\\_firstchapter.asp?pid=147320&prodtypeid=1](http://www.submarino.com.br/business/i_firstchapter.asp?pid=147320&prodtypeid=1)>.
- (60) No confronto entre uma criança de 7 anos de idade e um idoso de 65 anos de idade, vítimas de acidente de carro, a criança foi privilegiada por 287 (72,7%) pesquisados, [...] “Porque a criança precisa mais e o idoso já **viveu bastante**”.  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302002000200031&script=sci\\_arttext&tIng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302002000200031&script=sci_arttext&tIng=en)>.
- (61) nas ferias eu **durmo demais** haha eu praticamente n vejo o sol, pq qndo ta sol eu to durmindo ehauhauha  
<<http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/96012/>>.



O primeiro grupo desses verbos, apesar de ser caracterizado pelos dicionários como intransitivo, pode ser melhor definido como o grupo de verbos que exigem/aceitam como argumento interno uma expressão que denota medida de intervalo de tempo (como *duas horas, uma semana, quinze dias, nove anos* etc.). O advérbio de quantidade, nesse caso, figura no lugar dessa expressão, sendo agramatical a sentença que apresentar um advérbio de quantidade e uma expressão de medida de duração de tempo.

(62) \*O polimento do meu carro **durou bastante** dez meses.

(63) \*A reforma ministerial **demorou muito** cinco anos.

As únicas leituras possíveis para (62) e (63) implicam que as expressões de medida de tempo *dez meses* e *cinco anos* devem ser vistas como instanciando a duração do mesmo intervalo de tempo que é caracterizado por, respectivamente, *bastante* e *muito* – o que na escrita se expressaria colocando-se dois pontos (ou outro sinal de pontuação equivalente) após *bastante* e *muito*. Esse teste serve apenas para os advérbios de quantidade de julgamento de valor (como *pouco, muito* e equivalentes). Em estruturas comparativas, a expressão de medição pode ocorrer, expressando a medida da distância entre os dois termos:

(64) O polimento do meu carro durou **dez meses mais** do que o do carro do meu amigo.

(65) A reforma ministerial demorou **cinco anos mais** do que a previdenciária.

Nesse grupo específico de verbos, a interpretação temporal do advérbio de tempo é a única possível. A substituição do advérbio de quantidade por uma expressão do tipo *x vezes* não preserva a mesma leitura e, inclusive, pode produzir resultados estranhos:

(66) O polimento que mandei fazer **durou bastante**.

?O polimento que mandei fazer **durou bastante vezes**.

(67) A reforma ministerial **demorou muito**.

?A reforma ministerial **demorou muitas vezes**.

A única leitura possível da forma com *muitas vezes* em (66) implica que o polimento foi feito mais de uma vez e que em muitas das vezes em que foi feito ele durou. De maneira semelhante, a forma com *muitas vezes* em (67) parece sugerir que várias reformas ministeriais foram feitas e que muitas delas demoraram. Em todo caso, nenhuma das formas com *x vezes* é equivalente à forma com o advérbio de quantidade correspondente.

Ao que parece, verbos como *demorar* parecem ter embutido em si algum tipo de julgamento de valor, independente da presença de um advérbio de julgamento de valor. Isso pode ser visto em exemplos em que esses verbos aparecem sem advérbio de julgamento de valor:

(68) Um problema na lâmpada do retroprojeto e a qualidade das transparências prejudicaram o desenvolvimento do assunto. O começo da aula **demorou** e era difícil ler o que estava escrito nas transparências (O10).

<<http://www.tede.ufsc.br/teses/PNFR0490.pdf>>.

(69) parece ser uma descrição razoável da oração com *demorou*:

(69) **Transcorreu bastante tempo** até o começo da aula.

Os dois componentes de *demorar* parecem presentes em (69): a ideia de tempo transcorrido e uma avaliação sobre o intervalo de tempo transcorrido.

No segundo grupo, a interpretação temporal do advérbio de quantidade quase sempre é a única possível – ao menos com verbos como *conviver* e *viver*. Esses verbos apresentam resultados semelhantes aos verbos de duração tanto no que diz respeito a não ocorrerem com expressões de medição de tempo quando modificados por advérbios de julgamento de valor – cf. (70) e (71) – como no que diz respeito a não demonstrarem a equivalência com formas adverbiais do tipo *x vezes*, que também geram leituras estranhas – cf. (72) e (73):

(70) \*Convivi pouco (por) três anos com meu pai.

(71) \*Esse idoso já viveu bastante oitenta anos.

(72) ?Convivi poucas vezes com meu pai.

(73) ?Esse idoso já viveu bastante vezes.

Para (70) e (71) é válido o mesmo que foi dito para (62) e (63) – as únicas leituras possíveis são aquelas em que as expressões de medida de tempo descrevem a duração do mesmo intervalo de tempo avaliado pelos advérbios *pouco* e *bastante*. Já (72) pressupõe a existência de um certo número de períodos de convivência, e que esse número pode ser avaliado como pouco. Quanto a (73), é muito difícil interpretá-la num contexto em que não se aceite a possibilidade (via reencarnação) de alguém viver mais de uma vida. O que interessa, no entanto, é que nenhuma das formas é aceitável como equivalente das formas com *convivi pouco* e *viveu bastante*.

Alguns desses verbos, seja os de duração temporal, seja os do segundo grupo, podem aceitar outros tipos de argumentos internos além das expressões de medida de intervalo de tempo, como pode ser observado com *esperar*, em (74), e com *viver*, em (75), por exemplo:

- (74) A senhora **esperou muito** o governador Roriz, entregou seu destino político a ele.  
<[www.estacaodanoticia.com/pgs/posts/detalhe.php?recordID=4026](http://www.estacaodanoticia.com/pgs/posts/detalhe.php?recordID=4026)>.
- (75) Às vezes, acho que **vivi pouco** a fase da lagartinha, mas... talvez ela ainda esteja presente em várias situações que eu só percebo agora...  
<<http://www.flogao.com.br/bethtrakinhinha/foto/16/9081417>>.

Essa diferença é mais relevante para *viver*, que parece ter um significado diferente quando aparece como transitivo (“passar por uma determinada fase”) do que como intransitivo (“estar vivo”).

A leitura de quantificação sobre tempo não é a única possível com os verbos deste segundo grupo, que inclui *dormir*, *viver*, *conviver* etc.. Nesses casos é melhor dizer que a leitura de quantificação sobre a duração dos intervalos de tempo é a mais comum – a mais inercial, por assim dizer, quando os advérbios de quantidade aparecem sozinhos modificando os verbos em questão, como ocorrem em (76), abaixo. No entanto, como o exemplo (77) sugere, não é a única possível:

- (76) Acordou e já eram quase 11 horas da noite. **Dormiu muito** e tinha e sua mente totalmente relaxada e pronta para qualquer ato ou fato que se seguisse.  
<[http://www.assisnoticias.com.br/redirect.php?show=blog&id\\_colunista=15&id\\_blog=131](http://www.assisnoticias.com.br/redirect.php?show=blog&id_colunista=15&id_blog=131)>.
- (77) As pessoas são extremamente receptivas, carinhosas e gentes boas. **Dormi muito** na casa de pessoas, precisamos muito deles para fazer o trabalho.  
<<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2976917-EI6581,00-Jequitinhonha+nao+e+a+Africa+diz+fotografo.html>>.

A melhor leitura para (77) parece ser a que dá *dormi muito* como equivalente de *dormi muitas vezes* mais do que *dormi muito tempo*, embora uma coisa possa estar implicada na outra (*i.e.*, se dormiu muitas vezes, então também dormiu muito tempo).

*Viver* (e talvez também *conviver*) apresentam também mais possibilidades de leitura:

(78) [...] na realidade, ao mesmo tempo em que se criava a esperança de democratização – posso dizer isso porque **vivi muito** esse período como advogado de presos políticos. e como membro da Comissão Justiça e Paz -, se torturou e se matou neste país em nome da segurança nacional.

<[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=804](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=804)>.

(79) Ola camarada , isso ta cheirando diferencial da frente solto Niva ap 2.0? O meu também é .....

Ja fez um suporte adicional de fixação do diferencial , ja **vivi muito** esse caso e aprendi.

<<http://www.4x4brasil.com.br/forum/showthread.php?t=42158>>.

(80) Eu já desisti de brigar. [...] Opinião pessoal, de alguém que já **viveu muito** esse problema.

<<http://www.somaovivo.mus.br/forum/viewtopic.php?p=6210&sid=ae2c08f1f1ee42de1a28156c8b76a3b2>>.

Enquanto (78) parece ter uma leitura “de intensidade” – ao lado, também, de uma leitura de tempo – (79) e (80) parecem implicar necessariamente a passagem dos sujeitos em questão por uma certa quantidade de experiências que é caracterizada como sendo *muita*. Em ambos os casos, o advérbio de quantidade em questão pode ser substituído por *muitas vezes*:

(81) Já **vivi muitas vezes** esse caso e aprendi.

(82) Sou alguém que já **viveu muitas vezes** esse problema.

Observe-se, no entanto, que a leitura dos advérbios de quantidade como expressando quantificação sobre eventos (ou, talvez melhor dizendo, sobre situações) parece só ser possível nos casos em que *viver* se apresenta em construções transitivas e com o sentido de “passar por determinada situação”.

### 3) VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO

Mais um grupo de verbos parece gerar leituras envolvendo grau de predicação quando modificado por advérbios de quantidade, mas de uma maneira bastante diferente dos verbos estativos. Também esse conjunto está dividido em dois grupos. Em primeiro lugar, estão os verbos “processuais”, que são os que denotam a construção de uma determinada qualidade ou estado, como *estragar*, *rasgar*, *sujar* etc.

- (83) Quem foi que **estragou mais** o planeta Terra, tirou mais proveito e deu menos em troca do que recebeu?  
<<http://paginas.comentarios.ig.com.br/ig/01/35/99/comentarios/2006/07/23/99248.xml>>.
- (84) Não quando tinha 3 anos meu braço atravessou a porta de vidro, **rasgou muito** dava para ver até o osso.  
<<http://forum.hardmob.com.br/boteco-hardmob/t-hm-page4-280657.html>>.
- (85) Uma colega que estava comigo gastou diversos guardanapos e ainda **sujuou bastante** o chão propositalmente...  
<<http://www.overmundo.com.br/guia/comer-e-subir-ladeira>>.

Em segundo lugar estão verbos que denotam experimentação de processos *variar*, *evoluir*, *desanimar*, *mudar* etc. O exemplo (87) é de Ilari *et al.* (1993, p. 121).

- (86) Saber de pessoas e mais pessoas que levam a vida como uma grande representação teatral (no mau sentido da coisa) **desanima muito**.  
<<http://www.muitosuspeito.blogspot.com.br/>>.
- (87) Outras explicações, menos plausíveis que a vinculação direta com o regime político, fundamentam-se em vários aspectos do processo emancipacionista (causas sociais e políticas) e **variam muito** quanto à abordagem teórico-epistemológica adotada.  
[RSP 2968: 3]
- (88) Uma comparação genética abrangente entre o DNA do Homo sapiens e o dos chimpanzés (*Pan troglodytes*) sugere que quem **evoluiu mais** nos últimos milhões de anos foram eles, e não nós.  
<[http://www.universitario.com.br/noticias/noticias\\_noticia.php?id\\_noticia=2913](http://www.universitario.com.br/noticias/noticias_noticia.php?id_noticia=2913)>.
- (89) A nave russa Soyuz **mudou pouco** desde sua primeira versão.  
<[www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u14403.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u14403.shtml)>.

Intuitivamente, a diferença – bastante tênue, por sinal – entre os dois tipos de verbos parece ser que o primeiro grupo denota a construção de uma determinada qualidade ou estado em alguma entidade e o segundo grupo denota a passagem de uma entidade por um determinado processo no qual se pode dizer que a qualidade resultante é a de ter passado pelo processo. Os exemplos acima podem sugerir que o primeiro grupo apresenta verbos primariamente transitivos, enquanto os do segundo grupo são primariamente intransitivos, diferença que também corresponde a uma diferença no estado resultante: com os verbos do primeiro grupo, o estado resultante é criado na entidade denotada pelo SN “objeto”, enquanto que nos verbos do segundo grupo, o estado é criado na entidade denotada pelo SN sujeito. Porém, essa

diferença entre os dois grupos parece se esvaír quando se considera que alguns deles podem figurar tanto em construções como “intransitivos” como transitivos, como é o caso de *sujar*, *estragar*, *rasgar* e *desanimar*, com a preservação da distinção da entidade em que o estado é construído:

- (90) A carne no meu braço **rasgou muito** no vidro da porta.
- (91) O chão **sujou bastante** por causa da festa.
- (92) Pessoas que levam a vida como uma grande representação teatral **desanimam muito** a gente.

Com alguns desses verbos, aparentemente os mesmos do exemplo anterior, pode-se construir paródias contendo o verbo *deixar* e adjetivos relacionáveis com as raízes dos verbos em questão, e que correspondem basicamente ao sentido das sentenças em que eles figuram:

- (93) O acidente no vidro da porta **deixou** a carne do meu braço **bastante rasgada**.
- (94) Uma colega **deixou** o chão **bastante sujo**.
- (95) Saber de pessoas assim **deixa** [a gente/você] **muito desanimado**.

Dos outros verbos citados nos exemplos, *variar* e *mudar* apresentam a possibilidade de conversão para construções transitivas – embora não nos exemplos citados pela ausência de um agente ou causador identificável para o processo (um “quem” ou “o que” que causou as mudanças na nave Soyuz ou a variação na abordagem das explicações). Em uma pesquisa rápida na Internet, embora não tenha conseguido encontrar exemplos com advérbios de quantidade, foi possível localizar-se exemplos em que *variar* e *mudar* aparecem em uma construção transitiva:

- (96) Olhando por um microscópio, **ele variou o** campo elétrico até compensar a força gravitacional.  
<<http://plato.if.usp.br/~fge0211n/Site/Coulomb.html>>.
- (97) “**Ele mudou o** Heavy Metal. **Ele mudou o** visual. **Ele mudou o** som. Ele mudou tudo. Ele é como o Hendrix na guitarra – Rob Halford fez muito pelo Heavy Metal. [...]”  
<[http://whiplash.net/materias/news\\_904/051014-judas Priest.html](http://whiplash.net/materias/news_904/051014-judas Priest.html)>.

Isso é demonstrado pelo fato de que a colocação de um advérbio de quantidade, embora possa alterar o sentido, não torna as sentenças acima agramaticais ou mesmo estranhas:

- (98) Ele **variou pouco** o campo elétrico até compensar a força gravitacional.  
 (99) Rob Halford **mudou bastante** o Heavy Metal.

A exceção, até agora, parece ser apenas *evoluir*, que não pode figurar em construções transitivas:

- (100) \*O ambiente **evoluiu mais** os chimpazés do que os humanos.

Em todos esses casos, os advérbios de quantidade parecem expressar o grau com que ocorre a mudança de estado (e, conseqüentemente, o grau do estado resultante) ou do processo experimentado. Essa mudança pode incluir o contraste entre um estado inicial e o estado final. Isso implica que verbos de mudança de estado também têm embutido uma espécie de comparação entre dois graus. Como advérbios de quantidade – e não só os advérbios comparativos – como já foi dito acima sempre apresentam um tipo de comparação entre dois valores, então tem-se um caso em que uma comparação se sobrepõe à outra.

Para explicar melhor esse fenômeno, considere-se os exemplos abaixo. Em primeiro lugar, uma sentença como (101) expressa a comparação entre graus de predicação de uma mesma entidade em intervalos de tempo diferente:

- (102) O chão **sujou** durante a festa.

A formalização informal de (102) corresponderia a algo como:

- (103)  $d_{t_1} S(c) \prec d_{t_2} S(c) \wedge d_{t_1} = \emptyset$

Em que  $d_{t_1}$  denota um determinado grau de um predicado em uma entidade em um tempo  $t_1$  e  $d_{t_2}$  denota um determinado grau de um predicado em uma entidade em um tempo  $t_2$ , dados dois intervalos de tempo  $t_1$  e  $t_2$ , tal que  $t_1 \prec t_2$ , e para um intervalo de tempo  $t_f$  (*durante a festa*), tal que  $t_1 \prec t_f \prec t_2$ .

Simplificadamente, (103) poderia denotar uma diferença de graus  $\delta$  entre dois intervalos de tempo, tal como é indicado em (104):

- (104)  $\delta_{(t_1, t_2)} S(c) \wedge d_{t_1} = \emptyset$

Em que  $d_{t_1}$  denota um determinado grau de um predicado em uma entidade em um tempo  $t_1$  e  $d_{t_2}$  denota um determinado grau de um predicado em uma entidade em um tempo  $t_2$ , da-

dos dois intervalos de tempo  $t_1$  e  $t_2$ , tal que  $t_1 \prec t_2$ , e para um intervalo de tempo  $t_f$  (*durante a festa*), tal que  $t_1 \prec t_f \prec t_2$ .

A estipulação de que o primeiro grau tem que ser igual a zero me parece necessária pelo fato de que é implicada pela sentença (102). Tal estipulação, no entanto, não é necessária em estruturas comparativas. Assim, uma estrutura comparativa tal como (105) teria uma formalização como em (106):

(105) O chão sujou mais do que teto durante a festa.

(106)  $\delta_{(t_1, t_2)}S(c) \succ \delta_{(t_1, t_2)}S(t)$

Em que  $d_{t_1}$  denota um determinado grau de um predicado em uma entidade em um tempo  $t_1$  e  $d_{t_2}$  denota um determinado grau de um predicado em uma entidade em um tempo  $t_2$ , dados dois intervalos de tempo  $t_1$  e  $t_2$ , tal que  $t_1 \prec t_2$ , e para um intervalo de tempo  $t_f$  (*durante a festa*), tal que  $t_1 \prec t_f \prec t_2$ .

Essa tentativa de formalização pretende capturar a existência de duas comparações de grau: uma primeira, denotada pelo verbo de mudança de grau *sujar*, e uma segunda, denotada pela estrutura comparativa *mais... do que...*

A existência de construções em que se denota que algo ou alguém causou uma determinada mudança de estado não torna as coisas menos complexas, obviamente. Uma outra questão é determinar se o esquema exposto acima funciona para verbos de processo, como *evoluir* e *mudar* – que tipo de estado ou qualidade seria resultante de tais processos? Um terceiro ponto diz respeito ao fato de que o verbo *variar*, por exemplo, não necessariamente implica a comparação entre estados de coisas em tempos diferentes. No exemplo citado em (87), por exemplo, dá-se a informação de que existe uma determinada quantidade de explicações que variam muito umas com relação às outras no que diz respeito à abordagem teórico-metodológica. Como se faria para expressar a diferença de variação entre os graus, nesse caso? Tais problemas não foram, ainda, sequer abordados, por quanto sei, nem na literatura sobre quantificação e tampouco na literatura sobre estruturas comparativas, ao menos no que diz respeito aos estudos formais, e nenhuma abordagem dos advérbios de quantidade estaria completa sem uma reflexão sobre esses verbos.

Parece-me óbvio que, no caso dos verbos cujo comportamento é descrito nesta seção, a leitura de quantificação sobre a diferença de grau é a única interpretação que se coloca. Em todo caso, pode-se propor os mesmos testes que se colocaram para avaliar os dois casos precedentes (verbos estativos e verbos com duração temporal intrínseca):



- (107) Uma colega **sujou** o chão **bastante vezes**, propositadamente.  
 (108) Uma colega **sujou** o chão **bastante tempo**, propositadamente.  
 (109) O chimpanzé **evoluiu mais vezes** do que o homem.  
 (110) O chimpanzé **evoluiu mais tempo** do que o homem.

Nenhuma das sentenças acima parece ser agramatical, nem apresenta qualquer tipo de leitura estranha, porém, nenhuma delas, também, tem as mesmas condições de verdade das suas correspondentes com os advérbios de quantidade *bastante* e *muito*, respectivamente.

#### 4) VERBOS “DE EVENTOS”

Um determinado tipo de verbo parece construir sempre leituras de quantificação sobre eventos, quando modificado por um advérbio de quantidade:

- (111) Eu, em poucos anos, já **viajei mais** para a América do Sul do que todos os presidentes que passaram pelo Brasil. Já **viajei mais** para a África do que os presidentes que passaram pelo Brasil.  
 <[http://www.radiobras.gov.br/integras/2005/integra\\_20042005\\_1.htm](http://www.radiobras.gov.br/integras/2005/integra_20042005_1.htm)>.  
 (112) Como eu **vou muito** a SP, a trabalho, decidi que na minha próxima viagem iria encontrá-lo.  
 <[www.casadoscontos.com.br/texto/200601879](http://www.casadoscontos.com.br/texto/200601879)>.

(111) denota que a quantidade de eventos do tipo *viajar para a América Latina* em que o sujeito Lula foi envolvido é maior que a quantidade de eventos de qualquer presidente que passou pelo Brasil. Já (112) denota que a quantidade de eventos do tipo *ir a SP* envolvendo o sujeito da sentença é maior que um determinado limite, contextualmente definido.

Verbos típicos de *achievement* (= pontuais) parecem privilegiar leituras de quantificação sobre eventos quando modificados por advérbios de quantidade:

- (113) Então fui fazer um levantamento das idéias prévias dos alunos... idéias prévias ou concepções prévias, a gente **encontra muito** esta expressão na literatura de ensino de Ciências, de Física, de Biologia, de Química, de Geologia, tá?  
 <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000219689>>.

- (114) Na época do 1.3/1.3b , quem me conhece sabe, que mesmo com modem eu jogava em server gringo. Ping entre 300/450. **Morria bastante...** mas matava tb.  
<<http://forum.hardmob.com.br/archive/index.php/t-81502.html>>.
- (115) bom, portugal dominou mais a bola, **chutou mais**, recebeu muitas faltas, são indícios que estava melhor no jogo... mas eu nem vi o jogo hehe, pelos numero eu deduzo isso.  
<<http://forum.hardmob.com.br/archive/index.php/t-252460.html>>.

Construções de *accomplishment* aparecem muito raramente modificadas por advérbios de quantidade. Elas parecem, no entanto, também selecionar – ao menos preferencialmente – leituras de quantificação sobre eventos, nesses casos:

- (116) Eu ainda não estava aqui no país, mas foi um corte que marcou muito e ele **fez muito esse** cabelo.  
<[http://www.museudapessoa.com.br/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=524&projeto=53&forward=HOME\\_DEPOIMENTO\\_VER\\_SESC&pager.offset=5](http://www.museudapessoa.com.br/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=524&projeto=53&forward=HOME_DEPOIMENTO_VER_SESC&pager.offset=5)>.
- (117) Mesmo com seus mais de cem quilos, ele já **fez muito** o papel de Lara Croft.  
<[http://games.aol.com.br/especiais/materias\\_aol/2003/10/0003.adp](http://games.aol.com.br/especiais/materias_aol/2003/10/0003.adp)>.

Embora não tenha encontrado nenhuma ocorrência de algumas construções de *accomplishment* mais típicas contendo advérbios de quantidade, parece que elas aceitam esse tipo de advérbios – como mostram as ocorrências abaixo – sem implicarem agramaticalidade, ainda que soem bastante inusitadas:

- (118) Pedro **construiu muito** esta casa.  
(119) Pedro **bateu mais** o bolo de coco do que o bolo de castanhas.

Sentenças desse tipo têm características especiais no que diz respeito a seus elementos argumentais. Os SNs em posição de objeto em uma construção de *accomplishment* parecem ter, necessariamente, uma leitura genérica – um leitura de tipo: *esta casa* denota necessariamente um tipo de casa (um tipo de planta de casa, por exemplo), enquanto *o bolo de coco* e *o bolo de castanha* denotam necessariamente um tipo (= receita) de bolo. Uma leitura em que *esta casa* denota uma e apenas uma casa, ou que *o bolo de coco* e *o bolo de castanha* denotassem, cada um deles, um e apenas um objeto, implicaria algum tipo de contexto “além da imaginação”, com o mesmo evento se repetindo várias vezes em universos paralelos – algo

completamente alheio à experiência humana tal como ela é ordinariamente concebida.

Com as construções de *accomplishment*, as leituras mostradas acima exigem que a estrutura esteja completa – *i.e.*, saturada com relação a seus argumentos nominais internos. Como se verá na próxima seção, o não saturamento pode implicar que a expressão de quantidade em questão possa ser interpretada como argumento nominal interno da construção, mudando a leitura. Nesse caso, não se pode dizer que o dado decisivo para a construção de uma leitura eventiva seja alguma característica lexical do verbo.

A construção de leituras eventivas para os verbos de *achievement* citados acima passa pelo teste de substituição do advérbio de quantidade pela forma correspondente *x vezes*, mas não pela substituição pela forma *x tempo*:

- (120) ?**Vou muito tempo** para SP.  
**Vou muitas vezes** para SP.
- (121) ?Portugal **chutou mais tempo**.  
 Portugal **chutou mais vezes**.
- (122) ?A gente **encontra muito tempo** essa expressão.  
 A gente **encontra muitas vezes** essa expressão.
- (123) ?Quando jogava *Tomb Raider*, eu **morria bastante tempo**, mas matava também...  
 Quando jogava *Tomb Raider*, eu **morria bastante vezes**, mas matava também...

Das formas acima, apenas aquelas em que o advérbio de quantidade é substituído pela forma *x vezes* preserva a leitura original, o mesmo não ocorrendo com a forma *x tempo*. No caso das construções de *accomplishment*, por outro lado, parece que uma leitura de quantificação sobre intervalos de tempo é possível como interpretação para o advérbio de quantidade, embora a leitura de quantificação sobre eventos pareça mais inercial que a de duração do intervalo de tempo:

- (124) Ele **fez muito tempo** esse cabelo.  
 Ele **fez muitas vezes** esse cabelo.
- (125) João Gordo **fez muito tempo** o papel de Lara Croft.  
 João Gordo **fez muitas vezes** o papel de Lara Croft.
- (126) Pedro **construiu muito tempo** esta casa.  
 Pedro **construiu muitas vezes** esta casa.
- (127) Pedro **bateu mais tempo** o bolo de coco do que o bolo de castanha.  
 Pedro **bateu mais vezes** o bolo de coco do que o bolo de castanha.

Os exemplos acima, além disso, conseguem captar duas características importantes das leituras eventivas. Em primeiro lugar, está o fato de que apenas leituras eventivas implicam, no caso de construções de *accomplishment*, a exigência de SNs genéricos na posição de objeto direto. Em todos os casos acima, no caso das leituras durativas, é possível a existência de um e apenas um evento: assim, na leitura durativa de (126), é perfeitamente possível que se esteja falando de um e apenas um evento do tipo *construir esta casa* (e, portanto, *esta casa* seja uma e apenas uma), do qual o sujeito Pedro tenha participado durante muito tempo – e do mesmo modo para todos os outros casos. A outra característica é a implicação de cardinalidade que a referência a quantidades de eventos necessariamente implica. Apesar de nem sempre ser possível recuperar pelo contexto as exatas quantidades a que se faz referência no caso de advérbios de quantidade (o que levou a gramática a classificá-los, durante séculos, como expressões de quantidade indefinida), eles sempre implicam a referência a quantidades discretas – exprimíveis por números inteiros. Caso contrário, qual seriam as referências dos números não inteiros de eventos nos casos abaixo?

(128) ?A gente **encontra muito** essa expressão. Eu, por exemplo, encontrei-a cinco vezes e meia em um só texto.

(129) ?Eu **fui pouco** para São Paulo, no mês passado: uma vez e meia.

As únicas exceções possíveis seriam aquelas em que se tratassem de médias matemáticas – nas quais nem sempre expressões restritivas do tipo *em média* estão sempre presentes:

(130) A gente **encontra muito** essa expressão. Eu, por exemplo, encontrei-a cinco vezes e meia (em média) em cada texto analisado.

No caso de alguns verbos, como *chutar*, por exemplo, uma leitura *de dicto*, como a de *jogava*, no exemplo (22), pode ser possível:

(131) Eu não **chutava muito**, por isso nunca era chamado para marcar pênaltis.

Não creio que isso invalide, necessariamente, a característica de selecionar leituras eventivas no caso de *chutar*, mesmo porque o verbo tem uma característica de denotar um evento pontual. Antes, a leitura *de dicto* pode ser entendida como derivada da leitura eventiva. Assim, poderíamos entender (132) como uma paródia passável para (131):

(132) Não pode dizer muito daqueles eventos em que eles fossem chutar, por isso...

Leituras *de dicto* parecem ser possíveis com os outros tipos de verbos, e muito possivelmente não interferem nos padrões de seleção de cada tipo de verbo com relação ao tipo de coisa quantificado:

- (133) Jair **mais odeia** Maria do que a ama.
- (134) Os dias **mais demoravam** do que transcorriam lentamente.
- (135) A roupa masculina de banho **mais mudou** aleatoriamente de um modelo para outro do que evoluiu, nesta última década.

Um último ponto diz respeito à chamada leitura disposicional (ou predicativa) de estruturas envolvendo verbos de evento (e também verbos de atividade). Como já foi dito acima, a literatura compara a leitura disposicional de verbos eventivos aos verbos estativos – dado que essas leituras não predicam, necessariamente, a existência de nenhum evento envolvendo o sujeito do qual se faz a predicação. Assim, as construções disposicionais mais típicas, como (136) – envolvendo um verbo de *achievement* – e (137) – envolvendo uma construção de *accomplishment* – não predicam necessariamente a existência de qualquer evento, mas antes a capacidade – a disposição – do sujeito de praticar uma determinada ação, e essa disposição se distribuiria temporalmente como um estado:

- (136) João escala montanhas/esta montanha.
- (137) João constrói casas/esta casa.

Ora, a presença de advérbios de quantidade, em construções como (136) e (137) não gera, como era de se esperar com sentenças estativas, necessariamente uma leitura de quantificação sobre grau, mas parece manter sua característica de quantificação sobre eventos:

- (138) João **escala muito** montanhas/esta montanha.
- (139) João **constrói muito** casas/esta casa.

De fato, parece que a presença dos advérbios de quantidade em (138) e (139) desvia-as mais para uma leitura habitual (repetição com frequência “habitual”) dos eventos, anulando a leitura disposicional.

## FINAL: PARA A FORMALIZAÇÃO DOS ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE

A proposição de uma descrição do comportamento dos advérbios de quantidade, nos termos de uma teoria semântica formal, pressupõe algumas tarefas básicas prévias de descrição para cuja identificação espero ter contri-

buído minimamente neste artigo. Em primeiro lugar, está a identificação dos dois tipos básicos de operação denotados por tais advérbios – operações de comparação e de julgamento de valor. Em segundo lugar, está a identificação dos contextos de ocorrência de tais expressões. E, finalmente, a identificação do tipo de quantificação conforme o tipo de objeto no universo do discurso que é quantificado. As operações no âmbito do SN e de adjetivos em construções comparativas têm sido abordadas longamente na literatura, de modo que acredito que a principal contribuição deste trabalho é a identificação dos tipos de quantificação conforme a natureza do objeto quantificado nos SVs.

Pelo motivo de limitação de extensão, não apresentarei nenhuma proposta de formalização para os advérbios de quantidade – o que é, aliás, tarefa para muitos trabalhos. Contento-me em identificar algumas das principais frentes de trabalho abertas a partir de algumas conclusões expostas aqui.

Parece ter ficado claro, ao longo deste trabalho, que qualquer proposta de formalização dos advérbios de quantidade no âmbito dos SVs terá que envolver a referência a graus de predicação, intervalos de tempo e quantidades de eventos. Alguns verbos selecionam uma dentre as diversas leituras possíveis – e essa seleção está ligada à classe a que o verbo pertence. Há, porém, alguns verbos que podem selecionar mais de uma leitura sendo, em seu estado neutro – “lexical” – ambíguos (ou indeterminados) com relação ao tipo de leitura selecionada. No presente texto, preocupei-me mais com os verbos que selecionam leituras específicas do que com os que não selecionam – na verdade, pouco foi dito sobre esses últimos. Seria importante verificar se há classes de verbos que são indiferentes com relação à seleção de leitura. Também seria importante verificar que componentes das sentenças selecionam – ou bloqueiam – determinadas leituras.

Com relação ao comportamento das classes de verbos com relação ao tipo de leitura selecionada quando modificados por advérbios de quantidade, também é possível o caminho inverso ao que foi tomado aqui, ou seja a seleção de determinadas leituras pode ser utilizada como critério para a identificação de classes de verbos – e talvez um trabalho como este possa interessar a quem trabalhe com classificação de verbos.

Também alguma coisa deve ser dita acerca dos advérbios de quantidade. Os tipos básicos foram identificados, mas persistem algumas dúvidas acerca de algumas expressões que são menos facilmente descritas na literatura, como as variantes “nuançadas” de *muito*, como *demais* e *bastante*. Em que, por exemplo, elas se diferenciam da forma “canônica” do advérbio de julgamento de valor de grau máximo? No outro extremo da escala – no grau mínimo – encontra-se o domínio de expressões como *pouco* e *um pouco*. Uma leitura mais apressada daria essas expressões como correspondentes simétricos de *muito*, mas a realidade parece ser mais complexa. Enquanto

*um pouco* parece denotar a parte inferior à escala, talvez em contraste com o grau inferior (= “nada”), *pouco* parece ser o grau inferior em contraste ao grau superior (= “não muito”):

(140) Pedro **trabalhou um pouco**, hoje.

(141) Pedro **trabalhou pouco**, hoje.

Como, porém, derivar as duas leituras da leitura clássica do operador de julgamento de valor de grau inferior (quer dizer, menor que um valor *n* contextualmente definido como norma, ou como o que é esperado)?

Seguramente, um melhor aprofundamento no trabalho de análise ainda levantará outras questões, para as quais espero que este trabalho tenha contribuído, ainda que de forma mínima.

## RESUMO

O presente trabalho pretende abordar os advérbios de quantidade de *muito* e *pouco*, em suas ocorrências como modificadores de verbo, enfocando a interação entre a expressão de quantidade portada por eles e as classes de verbos modificadas. Argumenta-se que é nessa interação que se definem diferentes tipos de quantificação, marcados pelo tipo de objeto que é quantificado no objeto do discurso.

Palavras-chave: *quantificação; advérbios de quantidade; classes verbais.*

## ABSTRACT

This work aims to study the quantity adverbs *muito* (= ‘a lot’, ‘much’) and *pouco* (‘little’, ‘few’) in their utterances as verb modifiers, with a focus on the interaction between the expression of quantity and the classes to which the modified verb belongs to. In this interaction, different types of quantification are defined, and this difference came from the type of quantified object in the discourse universe.

Keywords: *quantification; quantity adverbs; verb classes.*

## REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado I: a ordem*. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993.
- de SWART, Henriëte. *Adverbs of quantification*. New York: Garland, 1993.
- DOETJES, Jenny. Adverbs and quantification: degrees versus frequency. *Lingua*, n. 117, p. 685-720, 2007.
- GODÓI, Elena. *Aspectos do aspecto*. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.
- \_\_\_\_\_. Progressivo: além do aspecto. *Revista Letras*, v. 41, n. 2, p.165-170, 1993.
- GUIMARÃES, Márcio R. Alguns problemas na interpretação da progressividade no português do Brasil. *Revista Letras*, n. 58, p. 189-213, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Dos intensificadores como quantificadores: os âmbitos da expressão da quantificação no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) - SCHLA, UFPR. Curitiba, 2007.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado I: a ordem*. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. p. 65-140.
- MENDES DE SOUZA, Luizandro. *A semântica da comparação: alguns problemas levantados pelas comparativas com predicados verbais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - CCE, UFSC, Florianópolis, 2007.
- PARTEE, Barbara H. Many quantifiers. In: \_\_\_\_\_. *Compositionality in formal semantics*. Oxford: Blackwell, 2004.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1998.

Submetido em 15/09/2010

Aceito em 22/09/2010